

+ Ronaldo de Souza S3

A DANONERA

(Reg. nº 1.447 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

Diretora: Zulma L. Vargas _____ Secretária: Irfe Camargo
Redatora: Flora Mangueira _____ Tesoureira: Dulce Maria da Fonseca

Ang. III _____ E. S. C. D., 28 de maio de 1959 _____ N.º 23

Espírito Universitário

Dr. EDGARD DE V. BARROS

Na concepção de Gustave Le Bon não é a lei que cria os fatos, antes, ao contrário, são os fatos que criam a lei.

Com a nossa Universidade Rural sucedeu coisa semelhante à que se vem observando em um grande número de organismos nacionais, onde, a lei vem sempre à frente dos fatos, tentando criar "situações" que, na realidade, não existem no plano social.

A famosa lei nº 272 de 13 de novembro de 1948 lançou as bases jurídicas, da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, organizou a sua estrutura e definiu seus objetivos, mas não criou a Universidade no verdadeiro sentido da palavra.

É que a Universidade não é, apenas, uma "expressão jurídica", nem tão pouco uma "simples estrutura", com objetivos definidos. É muito mais do que isso, porque é uma *unidade funcional*, um *todo orgânico*, agindo e atuando em função de uma grande força espiritual, capaz de articular os seus órgãos dentro de um *sentimento comum*, de "um só coração e de uma só vontade" — *cor unum et anima una!*

Ora, nesta acepção, a lei 272 não criou nem podia criar a Universidade Rural, como uma *unidade funcional*, como um *todo orgânico*, atuando em função de um sentimento comum. É este é o grande trabalho que nos cumpre realizar, para que a Universidade se transforme na grande realidade que todos dese-

jamos fazer dela. É verdade que ainda nos falta a "perspectiva histórica", que consolida e cimenta as grandes estruturas universitárias no mundo, pois somos uma universidade com pouco mais de dez anos de idade, isto é, surgimos em 13 de novembro de 1948 e não conseguimos ainda, nem mesmo, nos libertar das calças curtas de nossa inexperiência infantil.

Mas já que a lei organizou, prematuramente, a *estrutura*, a nós nos cumpre acelerar o seu processo de criação e crescimento pela implantação do "espírito universitário". Para isso, urge, antes de mais nada, estabelecermos, aqui, uma definição de "espírito universitário" a fim de que saibamos, com precisão, o que desejamos e o que devemos fazer para conseguí-lo:

Por "espírito universitário" entendemos, sobretudo, a força sentimental e moral que anula os interesses individuais e de grupos, subordinando-os aos supremos interesses da "unidade universal", ou da "universidade" simbólica e, realmente, representada pela Universidade.

Isso significa que o "espírito universitário" é uma força *criada, mantida e amplificada* pelo *sentimento comum*, norteado pelos mais altos padrões, necessários à sobrevivência da "unidade universitária".

Se perguntarmos, por exemplo, aos nossos professores, especializados nos Estados Unidos, onde é em que cada um se formou, de pronto, eles nos responderão: "estudei em Ames", "formei-me em Cornell", "graduei-me por Purdue, ou obtive meu diploma por Wisconsin. Ninguém dirá por

certo: fiz meu curso na Escola de Agricultura da Universidade de Ames", ou na "Escola de Veterinária da Universidade de Wisconsin". Todos mencionarão, sem dúvida, em primeiro lugar, a Universidade por onde se graduaram. E isso é, no nosso modo de entender, o mais forte indício do espírito Universitário daquelas organizações norte-americanas.

Agora, vejamos o que sucede, entre nós: Se perguntarmos, ao acaso, a algumas moças ou rapazes, onde é que estão estudando, prontamente, ouviremos:

— Sou aluna da Escola Superior de Ciências Domésticas.

— Pretendo terminar o Curso Superior de Agronomia este ano;

— Estou cursando o 2º ano do Agro-Técnico.

— Estou frequentando o Curso Médio.

Ainda há pouco, quando se comemorava o "Dia das Mães", não vi na cidade nenhuma faixa que falasse em nome da Universidade, mas em compensação pude ler, em frente a um dos dormitórios de alunos, esta inscrição:

"OS ALUNOS DO AGRO SAÜDAM AS MÃES VIÇOSENSES".

Ora isso, creio eu, é um dos indícios mais veementes de que não existe, entre nós, "espírito universitário". Sem nos aprofundarmos demasiado em nossa análise, vemos que muita coisa precisa ainda ser feita até que possamos ter uma Universidade, na verdadeira acepção da palavra.

Por enquanto, o que existe dentro de nossa estrutura material e jurídica, é, apenas, um

(Continua anexo)

ILUSÃO

Escute, D. Estella, a minha história
Minha alma está sem léu — a vagar
Seja amiga D. Stella, não posso mais.

Dê-me seu ombro acolhedor
E, nêle, deixe-me, então pousar
Minha cabeça cansada e tão dorida.

Permita que eu me assente a seu lado
Permita minhas lágrimas chorar
E ensine-me um novo arrimo, um novo amor.

.....

No meu coração êle foi o primeiro
Uma nova esperança no céu a brilhar
Inexperiente, simplesmente, eu o amei
Com êsse amor puro de "primeiro amor".

E, pela manhã, depois, quando me despertei
Achei tudo tão beio, achei tudo um primor.

Eu vivia sorrindo, vivia cantando
Todo mundo sabia, eu nada escondia.

Eu era feliz, feliz como em sonhando
Fizera castelos, castelos de luz a dourar
Timidamente, nunca lhe dissera
Do grande amor que na minh'alma brotara
Mas sei que meus olhos já lhe falaram
Do sonho tão lindo que eu acalentava

Ah! esaviano, como fôste tólo!
Como bandeirantes, na história antiga
Que ali tão perto tinham ouro
E procuravam sempre em outro lugar
Pela vida, em vão, também hás de buscar
Uma alma irmã, esaviano, para ti.
Mas perdeste, das oportunidades, a mais bela
Perdeste ouro do mais valioso.

De nada mais agora adiantará
Serenatas de amor em Oitava Maior ou Sétima Menor.

Em vão pedirás socorro
De todos os Estados Maiores que conheces
Escuta bem, esaviano, será em vão
Vê, D. Stella, não volto não!

Mas — perdoa-me, não disse tudo
Falo-lhe do fim, e ignoras o princípio...

.....

Outrora, quando no prédio por êle passava
Meu coração batia com mais fôrça

Uma nova luz em meus olhos brilhava
Iluminando todo o corredor sombrio.

Com ânsia incontida esperava
O sábado, o domingo que não mais vinham

Parecia-me que nunca mais chegavam
Êstes dias, para mim, antes, tão monótonos

(Continúa na 3ª página)

VISITANTES ILUSTRES

Recebemos a visita de Mr. Stewart vice-presidente da Universidade de Purdue, com quem a UREMG mantém convênio e laços de amizade, pois lá especializaram-se muitos de nossos professores e aqui, dando-nos muito de sua experiência e conhecimento encontram-se técnicos que de lá vieram.

Durante dois dias êle, acompanhado de sua esposa, permaneceu em o nosso meio e, parece-nos gostou muito, o que nos alegra grandemente.

Nessa ocasião foi organizado um entretenimento, no qual tomaram parte não só alunos, como um grupo de pessoas da sociedade viçosense. Foram minutos bem agradáveis.

Em seu agradecimento Mr. Stewart mostrou o desejo não só de retornar a Viçosa, mas de assistir a um entretenimento como o que lhe foi oferecido, porém num «UNION», num local amplo, próprio, onde se reúnem os universitários para suas atividades sociais e recreativas. Esperamos que isto possa ser uma realidade num futuro bem próximo e, enquanto isto, façamos um «UNION» de idéias, de realizações, de entusiasmo moço. Quando o edificio estiver pronto, estaremos aptos a ocupá-lo.

TESE

Ao professor Joaquim Mattoso, os cumprimentos de "A Paineira" pela grande vitória alcançada na sua carreira profissional, galgando a cátedra de Zootecnia Especial — Bovinocultura.

ILUSÃO

(Continuação)

E quando o Jésus — bom amigo —
Com uma volta, nossa chegada anunciava
Meu olhar sôfrego pelo jardim corria
Procurando alguém, vendo se alguém me procurava
E então sua presença ali tão perto
Enchia minha vida, meu viver!!!

Certo dia, que tristeza, não o vira
No dia seguinte, nem de longe sua figura
E quando no terceiro dia, vinha eu calmamente
Do prédio, muito triste, a escada descendo...

Que encontro fatal, tão romântico!
Que coisa linda: eu fiquei confusa.
Pois quando no último degrau da escada pisava
Ele apressado, da biblioteca saía
... Quantos dias de paz êle me dera
Com seu sorriso querido — não sei —

Quanta tristeza êle me tirára
Com seu olhar — não contarei...
Mas, ah!, destino ingrato, amargo
Ele, o meu amor, sempre tão bom e amigo

Que me sorria sempre com ternura
Que me olhava sempre com ardor
Chegou-se a mim e então me disse
Em pequena frase, uma cousa tão grande
Tão monstruosa e tão inconcebível:
-- Acabou-se tudo, minha amiga!

Disse-me, isto D. Stella
Ali perto do campo de basquete
Onde eu, antes, feliz, esperava
Sua presença ansiada com loucura

E começou para mim uma nova vida
Uma vida que eu não conhecia e que amargava
Em que aos poucos meu coração se despedaçava
E a esperança fugia dia a dia

Uma vida sem sol, sem luz,
Sem arrimo, paz ou alegria...

E outro dia, então, quando eu pensava
Que tudo de novo começava e êle voltaria

Quando pensava que eu ainda podia
Ser feliz, amar com meu amor

Viver, sorrir, cantar, chorar, ter tudo
Pois tendo êle nada mais queria

Veio aquele domingo, D. Stella
Domingo maldito, com ardor esperado

Domingo em que vira em sonhos
Ele para mim voltar sorrindo

Desci do ônibus e meu olhar, então
Como antes, com ternura, o procurou:

... senti que a vida e o coração despedaçavam
Enquanto êle, cretino!!! com outra passeava!!!

Maria Lúcia Grossi.

Filmes em Cartaz

SEGUNDA-FEIRA

O amor subiu de preço — França.

TERÇA-FEIRA

Homem errado — Gomide.

QUARTA-FEIRA

Pecado da Castidade — Sacrilégio.

QUINTA-FEIRA

Nunca ames um estranho — Neuza Pretti.

SEXTA-FEIRA

Assim caminha a humanidade — Êles.

SÁBADO

Brotinho indócil — Auxiliadora Defilippo.

DOMINGO

Morada da Sexta Felicidade — Sétima.

VENDE-SE

A paixão da Maria Lúcia Grossi.

O bigode do Gonçalo.

O acanhamento do Gessy.

O chapéu do Adubo.

A economia da Seloy.

A risada da Élide.

A felicidade da Mutuca.

A barba do Harley.

A distinção da Flora.

O diagnóstico da Lúcia Melo.

O "seu côco" do Múcio.

A voz do Ceará.

A torcida das economistas.

A mesa de estudo da Fifa.

O vestido rosa da Zulma.

Os amores da Marilá.

Um colar de zeros em Matemática meu.

Entrevista

O que eu não gosto em meu quarto:

- Neuza — Do sonambulismo da Lúcia.
 Das cousas da Dulce em cima de minha mesa.
 Do capote "Bastião" da Nelza.
 Zulma — Do barulho do beliche da Marilá.
 Do ronco da Odete.
 Dos gemidos da Fifa.
 Do notivaguisimo da Flora.
 Da dormideira da Syrlene.
 Chieko — Da reclamação da Grossi por causa da luz acesa.
 Da interminável conversa da Irene sobre o Joãozinho.
 Dos furtos de minhas laranjas pela Nilza.
 Elide — Da reclamação da Leida.
 Da trocação de roupa da Lindinalva tôda vez que vai sair.
 Das gargalhadas da Augusta.
 Carmezinda — Das meninas que lá vão estudar e pegam no sono, ocupando minha cama.
 Regina — Da mania da Virgínia em achar que tudo está transviado.
 Da infantilidade da Heloisa.
 Da mania da Sônia em mandar varrer o quarto.
 Auxiliadora — Das broncas da Lordêlo.
 Da sapataria da Pituchinha.
 Do guarda roupa da Carminha.
 Alda — Da arrumação da mesa da Nice.
 Dos "vai" da Helena.
 Das lições de moral de Tanira.
 Do nosso visitante notívago — o Sr. Ratinho.
 Glória — Da reclamação da Lúcia quando me viro no beliche, sabendo-se que ela dorme em outro.
 Da tomação de banho da Seloy.
 Da história dos primos de pé grande da Yvone.
 Dos cartões da Marlene.
 Inês — Do remexido do beliche da Luizinha.
 Das visitas da Neuzinha que só aparece para dormir.

Do entusiasmo da Adélia pelo Avelino.

Yêda — Da coleção de L. P. da Lindinalva.

Da insistência da Avany em ocupar o primeiro lugar na fila do refeitório.

Da dificuldade da Corali em arrumar o quarto.

Ligia — Das perguntas indiscretas da Siglinda.

Da dormideira da Elza.

Da ordem da Maria Souza.

Dos chiliques da Raquel ao ver um mosquito.

Dos gritinhos da Puga quando o ônibus apita.

Diniz — Do pijama à "Cantiflas" da Dirce.

Dos principios à "lá S. Tomaz" da Vânia.

Dos "aperitivos" da Elísia.

Auxiliadora — Da exigência da Ilka pelo chão limpo.

Do assunto interminável de Lourdinha.

Dos afazeres da Adeny.

Maria — Da trocação de roupas no meu quarto.

Interessantes trajés e belas senhoritas apareciam.

Notei o "charme" da Srta. Terezinha Pinto, com um vestido à última moda.

Siglinda, circulando dentro de um rico vestido e sempre acompanhada do Dôdô.

Neusa, elegantemente trajada, acontecia com Danilo.

Marlene lançando um simpático rapaz.

Lúcia Sant'Ana sempre com Paulo à tiracolo, mostrava sua graça em um simples e elegante traje.

Srta. Marly "in love" com Adauto, brilhava.

Terezinha Cunha prometia lançar o Mendes.

Dulce, mesmo sem Ronaldinho, divertia-se bastante.

Maria Lúcia Grossi sempre elegante, acontecia com Xexéu.

Srta. Mércia muito bem trajada aparecia.

José Chequer, lançava sua última aquisição "made in" Ponte Nova. Muito bonita e elegante.

Auxiliadora Defilippo acontecia com seu brôto. Interessante casal.

Victor Raul na ausência de Virgínia, aparecia e bem, lá no miolo.

Fialho com Antônio, embrulhavam-se.

Coutinho, muito feliz com sua bela nativa.

Glória lançava.

Nelza aparecia com Otávio, prometendo.

Notei a ausência de várias Pica-couve. Pena haver exigência de traje.

A turma do esporte fez falta e lá ficava-se a espera do Wilter, Múcio, Gomide, que sempre dão o que falar a esta coluna.

SOU CONTRA:

Os índios

Os índios

Os índios.

SOU A FAVOR:

Do entretenimento em Ponte Nova.

Da "fazendeira" do Meio Bôlso.

Da bela morena que Wilter arranjou em Juiz de Fora.

Aquí prá nós

By Miao, Miao

Dia da Colheita. Tôda a ESA se movimenta. Pau de sêbo, manguara, estafeta, cavaleiro medieval e várias outras brincadeiras encheram o dia. Sentí somente a falta da distribuição de laranjas, o que sempre dava ao dia um ar de fartura dêste rincão mineiro.

Viam-se casaizinhos espalhados pelos gramados. A' noite, as meninas da Fazenda do Rosário, deram magnífica exibição de ginástica rítmica. O DAAB completando o dia, oferecia uma brincadeira às meninas do Rosário, em sua sede social. Soube que estêve bem animada, mas lá não aparecemos. Foi pena.

O já tradicional "Baile Rosa", precedido de grande expectativa, realizou-se "Very Bizantiño".

A sociedade viçosense aparecia, dando à festa, um toque "Rose Society".

Espírito Universitário cont.

conglomerado de "grupos", distantes, socialmente, um dos outros, por uma série de "preconceitos", que teimam em manter o "espírito de casta", a despeito da envolvimento universitária. É o "espírito de grupo ou de casta" que se observa em todas as nossas atividades de professores e alunos. Todos nós, sem exceção, ainda não "descobrimos" a Universidade. Vemos de preferência as "nossas Escolas", "os nossos centros recreativos", as "nossas revistas e jornais", o "nosso Diretório" e o "nosso Centro Acadêmico Social, como se tudo isso fossem departamentos estanques, ou "organizações particularistas". Ora, isso constitui, não só a negação do "espírito universitário", mas também um grande entrave ao seu florescimento.

Percebe-se, em tudo, que a nossa estrutura ainda não é dominada pelo "sentimento comum", que caracteriza as Universidades. Só quando estamos fora de nossas fronteiras é que ouvimos falar da "Universidade Rural". Os de fora, em geral, é que nos consideram elementos da Universidade Rural. Dentro, porém, todos nós nos julgamos como participantes de "grupos menores", como membros de "seitas distintas", que vivem à parte, e que, às vezes, até se hostilizam reciprocamente. Esta é a verdade.

Mas tudo isso, apesar de estranho, é absolutamente natural, numa Universidade criada por lei, e não pela imposição serena dos fatos. E se assim é, que nos cumpre fazer é criar, em sentido orgânico, a Universidade, pelo desenvolvimento do "espírito universitário", capaz de lhe dar vida e alento.

Como criar esse "espírito universitário" é assunto sobre o qual gostaríamos de discorrer mais amplamente em outra oportunidade.